

*MADLINE HUNTER*

*MIL NOITES DE PAIXÃO*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*ANA ÁLVARES*

ASA



## PERSONAGENS PRINCIPAIS

### ESCOCESAS

Maccus Armstrong: *Lorde escocês de Clivedale; arrebatou Harclow do pai de Morvan Fitzwaryn*

James Armstrong: *o filho falecido de Maccus*

Thomas Armstrong: *sobrinho de Maccus*

Margery: *mulher de Thomas*

Andrew Armstrong: *parente de Maccus e intendente do castelo de Black Lyne*

Robert de Kelso: *cavaleiro ao serviço de Maccus e senhor do castelo de Black Lyne*

Reyna Graham: *viúva de Robert de Kelso*

Duncan Graham: *pai de Reyna*

Aymer Graham: *meio-irmão de Reyna*

Alice: *cozinheira do castelo de Black Lyne*

Sir Reginald: *um dos cavaleiros de Robert de Kelso*

Sir Edmund: *irmão de Reginald e hospitalário*

INGLESAS

Morvan Fitzwaryn: *cavaleiro inglês e herdeiro destituído de Harclow*

Ian de Guilford: *cavaleiro ao serviço de Morvan*

Anna de Leon: *mulher de Morvan*

Christiana Fitzwaryn: *irmã de Morvan*

David de Abyndon: *marido de Christiana*

Gregory: *arqueiro ao serviço de Morvan*

John: *escudeiro de Ian*

## CAPÍTULO 1

FRONTEIRA ESCOCESA, 1357

– **É** importante que ele beba o vinho todo antes de tentar despir-vos.

A instrução era somente a última de uma litania de avisos que Reyna ouvira enquanto avançava às apalpadelas pelo túnel cavernoso.

Apertou a mão grossa da mulher maternal que a acompanhava. – Farei tudo como planeado. Parecem um bando de rufias e este cerco deve ser entediante. Ele deve ficar satisfeito por poder distrair-se.

– À maior parte dos homens, só lhes interessa uma distração, minha filha. É esse o perigo, não é?

– Não vos preocupeis com isso.

A escuridão total do túnel aterrorizava Reyna, que por isso se apressava, com uma mão segura na de Alice e a outra na parede.

Sons ressoavam através da pedra que ela tocava. Sapadores escavavam o seu próprio túnel não muito longe deste. Ao longo dos meses, ela viera até esta saída secreta, de archote na mão, e pusera-se à escuta, a averiguar os progressos deles. A princípio não se preocupava, porque chegaria seguramente ajuda antes de eles completarem o seu trabalho. Não era um exército grande, o que cercava a casa-torre, e uma pequena hoste, tanto de Harclow como de Clivedale,

conseguiria facilmente levantar o cerco. Mas não lhes chegara auxílio nenhum e agora seria uma questão de dias até os sapadores alcançarem a muralha exterior. Ainda mais preocupante era uma segunda escavação, que avançava no lado sul da fortaleza.

As mulheres depararam com um cotovelo apertado, à direita. Um fiapo de luz infiltrava-se pela abertura estreita, escavada por trás de uma formação rochosa que a ocultava. Arbustos espessos providenciavam uma camuflagem adicional, e só alguém que examinasse cuidadosamente todo o terreno tinha alguma hipótese de a encontrar. Este exército não o fizera até então, e Reyna sorria com a ironia daquelas escavações todas quando a poterna se encontrava a escassos passos de distância.

– De manhã já sabereis se fui bem-sucedida, Alice. Ficai de vigia na torre e alertai Sir Thomas e Reginald. – Reyna pegou no cesto que Alice transportava e tentou aparentar coragem e calma. – Vou primeiro à minha mãe, e de lá para Edimburgo. Mando avisar-vos quando já estiver em segurança e podereis vir ter comigo.

Alice abraçou-a. – É corajoso o vosso plano, filha, mas imprudente. Se estivesse vivo, Sir Robert não teria concordado.

– Se Robert estivesse vivo, eu não teria de fazer nada disto.

A mulher mais velha assentiu com a cabeça em sinal de resignação. – Sendo assim, que o Senhor vos acompanhe.

Reyna atravessou a entrada e ficou em pé entre os arbustos. Cinquenta metros mais à frente estavam os acampamentos que circundavam a torre. Não era um exército numeroso, mas era suficientemente grande para assegurar que ninguém saía nem provisões entravam. Não tinha havido tentativas de assalto, ninguém a escalar muralhas, nem máquinas de guerra a arremessar fogo e pedras. Tampouco houvera negociações. Apenas dois meses de um inabalável cerco.

Homens circulavam pelo acampamento, os seus movimentos indolentes com o calor do verão. Não envergavam muita roupa e o sol bronzeava os seus corpos. Um punhado havia adotado os *kilts*, mais frescos, dos escoceses. Mas estes homens não eram escoceses.

Ingleses, pensou ela com repulsa, e a simples ideia deu-lhe renovada determinação. Os ingleses haviam sido os monstros da sua infância e os inimigos da sua juventude. O seu rei escocês podia ter aceitado a derrota pelo rei Eduardo de Inglaterra há dez anos, mas não havia escocês algum, especialmente das fronteiras de Cúmbria e Northumberland, que se submetesse prontamente à autoridade que os ingleses reclamavam.

Ela sabia tudo sobre os soldados ingleses e sobre o que aconteceria se os sapadores deles conseguissem atravessar as muralhas. Há gerações que se repetiam descrições das atrocidades dos ingleses. Ela obrigou-se a imaginar pessoas que conhecia a serem esquartejadas e torturadas, granjeando força dessas imagens horríveis. Não estava na sua natureza fazer o que planeava fazer agora, mas não via outra alternativa. Esperava que Deus acesse em seu auxílio, e que depois a perdoasse.

Saiu disparada do meio dos arbustos e caminhou na diagonal até aparentar ter vindo de um dos caminhos a norte.

Os homens examinaram-na, avaliando o significado do seu cabelo solto e do vestido de seda. Ela avançou a passos firmes, dirigindo-se ao acampamento ocidental e à tenda grande que se encontrava no seu centro. Quando a avistou, abrandou. Uma vez lá dentro, não haveria retorno.

Um assobio lascivo captou a sua atenção. Dois cavaleiros trocaram um sorrisinho irónico e começaram a caminhar em direção a ela, fazendo sons obscenos com a boca, zombando dela. Reyna sentiu um arrepião na pele e fez a correr os últimos metros até à tenda grande com galhardetes verdes e brancos.

Um escudeiro estava à entrada, a limpar armas. Ergueu os olhos, perplexo, quando ela avançou decidida na sua direção, passou a correr por ele, e se enfiou na tenda. Ela rezou para que o homem que procurava estivesse lá dentro e que os outros não a seguissem. De qualquer forma, isso não queria dizer nada, pois ele podia simplesmente encolher os ombros e deixá-los levá-la.

A lona branca criava uma luz difusa, suave, e ela precisou de

algum tempo para ajustar a visão. Passou os olhos pela pouca mobília da tenda; um catre, uma mesa e um baú. Uma armadura polida brilhava no chão a alguns passos dela. Não se ouvia um único som naquele espaço.

Foi então que uma sombra se moveu. Um homem ergueu-se do banco onde estivera sentado com as costas apoiadas no mastro central da tenda.

– O que fazeis aqui? – perguntou ele num tom ríspido.

Ela ficou parada a olhar.

Tinha visto este homem do cimo da casa-torre. Ele era mais alto do que a maioria, mas quando todos não passam de um pontinho ao longe isso não quer dizer grande coisa. Contudo, ela era mais baixa do que a maioria, e a diferença marcada entre a altura deles fez com que, de súbito, ela ficasse profundamente consciente da sua vulnerabilidade.

O que ela não vira da torre era o quão belo ele era. Pestanas espessas suavizavam e emolduravam olhos escuros, sérios, que, à luz da tenda, eram como duas manchas. Ossos pronunciados moldavam-lhe a face e o queixo. Uma boca larga, direita, de lábios algo carnudos, exigia a sua atenção. O cabelo escuro dava-lhe pelos ombros e estava preso na testa por uma faixa de tecido enrolado.

Envergava apenas umas calças largas à camponês, cortadas acima do joelho. As pernas eram bem torneadas, de músculos esguios e linhas definidas. A mesma elegância atlética que lhe moldava os ombros largos e lhe esculpia o peito. Com aquela roupagem primitiva, fazia-lhe lembrar os guerreiros antigos acerca dos quais lera nos livros de Robert. Ele era o inimigo, mas isso não a impediu de ficar sem fôlego.

Magnífico. Assombroso.

Pena ela ter de o matar.

Ele caminhou até ela. Avaliou sobranceiramente o seu vestido, cabelo e faces rosadas enquanto retirava a faixa da testa e passava uma mão forte pelo cabelo. Ela esperava que ele não conseguisse



vê-la corar, pois a mulher que era hoje nunca se deixaria desconcertar pelo escrutínio de um homem, por muito belo que ele fosse.

A expressão dele aligeirou-se e ergueu uma sobrancelha inquietadora. Havia compreendido a única parte que precisava de saber.

Sorriu.

Santo Deus, que sorriso. Lábios juntos, direitos, que mal se erguiam nos cantos da boca. Absolutamente encantador, subtilmente sugestivo, vagamente escarminho. Covinhas sedutoras surgiram de um lado e do outro da boca. Aquele rosto belo e aqueles olhos insondáveis de distantes e pensativos a sensuais e afáveis.

Mas ela viu outra coisa enquanto ele a observava. Viu-a na postura descontraída do seu corpo e no brilho do seu olhar e no próprio sorriso. Presunção. Arrogância. Orgulho. Inabalável autoconfiança. Viu o quanto ele tinha consciência do efeito que o seu rosto e o seu corpo tinham sobre ela. Sobre todas as mulheres.

Ela já havia encontrado homens assim antes. A casa de seu pai tinha-os aos montes. Talvez ela não se importasse tanto de o matar, afinal.

– O que fazeis aqui? – repetiu ele.

Ela recompôs-se. – Fui chamada pela povoação de Bewton. Enviaram alguém a Glasgow para me contratar. As pessoas de lá queriam ter a certeza de que a sua oferta vos agradaria, Sir Morvan.

– Oferta? Estais a dizer que a cidade comprou uma meretriz...

– Sou Melissa, cortesã – disse ela num tom pouco pacífico. – Asseguro-lhe que não sou meretriz nenhuma. É por essa razão que aqui estou. A cidade não confiava um dever destes às suas alcoviteiras.

– E qual é o propósito desta oferta?

– Esperam que, se esta vos comprou, poupeis a povoação e refreeis o vosso exército.

– E viestes para me persuadir? – Ele deu uma volta ao seu redor, examinando-a como a um animal para venda. Ela quase contava que ele abrisse a boca num bocejo, anunciando que ela não serviria de todo. – O cavaleiro que desse uma tal ordem aos seus homens

teria de se encontrar deveras satisfeito. De que serve conquistar sem proveitos a haver?

– A povoação pagará tributo. Haverá espólio o bastante. São as pilhagens e as violações bárbaras que pretendem evitar.

Ele estendeu um braço e acariciou-lhe o cabelo, pegando em parte dele, deixando que o seu olhar e os seus dedos percorressem o seu considerável comprimento. – Dissestes que vos chamáveis?

– Melissa. Podeis não ter ouvido falar de mim, mas fui treinada pela famosa Dionisia.

– Não me pareceis uma cortesã, Melissa. Sempre presumi que eram mulheres voluptuosas. Vós sois fracota e escanzelada de mais para tal. Um cabelo adorável, porém. Uma cor invulgar. Muito ténue, como tecido de luar. – Ele ainda segurava a ponta da comprida madeixa de cabelo, que pendia entre os dois como uma tira de seda.

– O que vós chamais de fracote e escanzelado, grandes senhores consideram mimoso e delicado, Sir Morvan. Além do mais, os dotes de uma cortesã tornam esses pormenores insignificantes. Contudo, é evidente que sois grosseiro nas vossas preferências. Vou regressar e dizer aos anciãos da aldeia que eles se enganaram.

– Não. Foi uma estratégia brilhante. Tem apenas um senão, e não é o vosso tamanho. – Ele ainda tinha os dedos no cabelo dela. – Eu não sou Sir Morvan.

– Mas esta é a tenda maior e está no centro do acampamento. Disseram-me que este exército pertence a Morvan Fitzwaryn.

– É um facto, mas aqui sou eu quem manda. Morvan está ocupado noutras bandas. O exército principal está em Harclow.

Não admira que não tivesse chegado ajuda. Todos na torre haviam presumido que Morvan Fitzwaryn montara cerco primeiro a este feudo, que era periférico, para ter uma posição avançada antes de tentar conquistar Harclow, mais impressionante, mas o homem atacara ambas as fortalezas de uma vez só. E Clivedale também? Qual seria o tamanho deste exército?

Ela refez rapidamente os seus planos. Se aqui era este o homem que estava no comando, à partida o plano era tão bom para ele como para o seu amo.

– Se não sois Morvan Fitzwaryn, quem sois, então?

– Ian de Guilford.

– E sois mesmo quem comanda aqui?

– Sim. O destino desta torre e da povoação vizinha estão nas minhas mãos. Se eles vos mandaram para negociar, tendes o nome errado, mas o homem certo. A oferta deles destinava-se a mim.

A franqueza com que ele a olhou deixou-a em absoluto desassossego. O olhar dele continha as consequências do fracasso nas quais ela evitara cuidadosamente pensar.

A sua coragem desapareceu num piscar de olhos. – É lamentável, então, que eu não seja do vosso agrado. Vou retirar-me imediatamente.

– Insisto que fiquéis. Se assim não for não tereis o vosso pagamento, e percorrestes uma longa distância. Foi indelicado da minha parte criticar tal oferta. Além disso, se fostes treinada pela famosa Dionisia, duvido que haja lugar a desilusões.

Ele aproximou-se ainda mais, impondo o seu tamanho e masculinidade. Ela começou a arranjar desculpas para se ir embora. – Estes homens parecem mercenários. Será que vos obedecem? Sem dúvida que o seu pagamento serão os despojos.

– São mercenários, mas são os meus mercenários, e obedecer-me-ão. Morvan Fitzwaryn paga em prata, não com a promessa de pilhagem. Provavelmente esperam que haja alguma, mas não faz parte do acordo.

– E se vos acontecer alguma coisa?

– Não tinha percebido que as pessoas do povoado me tinham enviado uma advogada juntamente com a cortesã. Os vossos favores requerem primeiro um contrato em que se cubram todas as eventualidades?

As palavras e o olhar dele lembraram-lhe quem ela pretendia ser e a razão pela qual se encontrava ali. Pensou no perigo que corriam

os inocentes da casa-torre se a fortaleza sucumbisse, e na morte horrível que a aguardava se tal não acontecesse. O seu plano era a única forma de solucionar ambos os problemas.

– Vamos despir-nos, Melissa, para que possais mostrar-me essa grande arte que é a vossa. – Olhou, tranquilo, para a enxerga. – Não se adequa muito a uma cortesã. Preferis que estenda algumas peles no chão? Assim há mais espaço. – Com passos largos, foi até ao outro lado da tenda e espalhou algumas peles grandes pelo chão. – Sim, assim é melhor.

Começou a desapertar o nó das calças. – De quatro da primeira vez, parece-me.

Ela testemunhou horrorizada este desenrolar demasiado rápido dos acontecimentos. – Sir Ian, não estais a compreender. Tal como vos disse, não sou meretriz. Sou cortesã. Fazemos as coisas de forma diferente.

– A sério? E eu determinado a fazê-lo de todas as maneiras que houver. Estou deseioso de aprender algo de novo.

Sim, matá-lo não seria de todo difícil. – Não foi isso que eu quis dizer. As cortesãs não se limitam a copular como animais. Nós criamos todo um ambiente, toda uma experiência. Há bastante preparação e relaxamento antes.

As mãos dele largaram as calças. – Tereis de me ensinar, senhora. Não passo de um simples cavaleiro. Estou habituado a meretrizes que se sujeitam à vontade de um homem. Estou a ver que convosco, cortesãs, se passa tudo ao contrário.

– Tereis tudo aquilo que desejais, e mais ainda. Mas fui treinada em várias artes além dessa. Música, conversação... Certamente que, depois de viver pouco melhor do que um animal nestas tendas, vos agradecerá um serão cortês. Deixai que vos mostre. – Com passos firmes, foi até às peles, pegou em algumas bolsas que estavam por perto e compôs com elas um encosto numa das beiras. – E agora, descansai. Pronto. Não é melhor assim?

Ele deitou-se em cima das peles, com a cabeça e os ombros reclinados nas bolsas. Ela ajoelhou-se ao seu lado e levantou o pano

que cobria o cesto. Preparou as empadas de carne e a taça e, em seguida, serviu o bom vinho de Bordéus. Ofereceu-lhe a taça.

Ele bebeu com calma e deteve os olhos nela. – Não bebeis?

– Não. Fico menos capaz. Não queremos que tal aconteça, pois não?

Ele provou uma empada e ergueu as sobranceiras em sinal de aprovação. – Se suplantais as rameiras do acampamento, ainda estamos para ver, mas a vossa comida suplanta decididamente a cozinha daqui.

Um sorriso tonto iluminou-lhe o rosto e, antes de se recompor, Reyna quase se lançou numa explicação das plantas aromáticas que utilizara. – Desejais que toque flauta enquanto comeis?

– Sem sombra de dúvida. Trata-se de uma experiência rara para um pobre cavaleiro como eu. Não quero perder nada. – Apoiou-se num cotovelo. Ela tentou não olhar para a taça que se movia em direção aos lábios dele. *Mais. Uma boa golada.*

Ela começou a tocar uma melodia lenta no instrumento. Enquanto tocava, pensava nos minutos seguintes e naquilo que teria de fazer. Rezou para ter coragem para levar a cabo a sua missão. Tal faria com que o cerco fosse levantado pelo menos por alguns dias, até Morvan Fitzwaryn descobrir o que tinha acontecido e enviar mais homens para lá. Entretanto, os outros poderiam ir para norte, até Clivedale.

Pelo canto do olho, viu Ian pousar a taça de vinho. Estava vazia. Ela suspirou de alívio e tocou uma nota em falso. Falhou outra quando dois dedos tocaram no seu braço e lhe subiram, vagarosos, até ao ombro.

Movimento atrás dela. Mãos que lhe afastavam o cabelo para cima de um ombro. Um rosto que passava ao de leve pelo seu pescoço e uma respiração cálida na sua pele. Um beijo no seu ombro e dentes que lhe roçavam a orelha.

Ela olhava fixamente para a lona branca, perplexa por as atenções deste estranho estarem a perturbá-la e a deixá-la sem fôlego. A melodia perdeu-se num desastre de sobressaltos.

Ela baixou a flauta e dirigiu-lhe um olhar cético. O rosto dele estava a centímetros do dela, e só lhe via os olhos abrasadores e a boca sensual. Não parava de olhar para a taça vazia. *Adormece.* Infelizmente, Sir Ian não parecia nem um pouco sonolento.

– Foi encantador – disse ele suavemente, volvendo a beijar-lhe o pescoço. – As pequenas pausas conferiram à melodia um toque comovente. – Voltou-se, alinhando o tronco com o dela. – Vós sois encantadora – sussurrou, aproximando a cabeça dela da sua.

Ele deu-lhe um beijo quase lânguido. Mais um beijo amoroso do que um arroubo, que lentamente se tornava mais profundo, despertando algo dentro dela que ela não controlava, algo que se fizera expectante após longa abstinência. Uma expectativa deliciosa acordou e percorreu-lhe todo o corpo de uma forma escandalosa. Reyna devia afastá-lo, mas Melissa, a cortesã, certamente não o faria, e como tal aguentou, com a consciência dolorosa de que o seu sofrimento não era, nem de perto nem de longe, tanto como deveria ser. Tentou travar a sua reacção escandalosa e a sua mente desnortada começou a entoar repetidamente uma ordem silenciosa, que ele dormisse, raios, que dormisse.

Ele afastou-se dela. A expressão do seu rosto era indescritível. Calor. Desejo. A promessa do prazer revelado. Estava apoiado num braço e o seu tronco nu quase tocava no ombro dela. Aquela chama proibida dentro dela regozijou contra a sua vontade. Ela não conseguia tirar os olhos daquele rosto incrível. Não conseguia mexer-se.

– Não vos sintais constrangida – disse ele. – Decerto é permitido que desfruteis uma vez ou outra. – Ele baixou o olhar e passou os dedos pela orla do vestido dela, no alto dos seios. Curvou-se e beijou a pele exposta pelo decote generoso. Ela sentiu o corpo inteiro ser percorrido pelo mais estranho dos arrepios. Observou, hipnotizada, aquela mão libertar o seu ombro do tecido.

*É importante que ele beba o vinho todo antes de tentar despir-vos.*

Recompôs-se. Inclinou-se para trás e soltou um risinho forçado. Tentou comportar-se como a cortesã experimentada determinada a conduzir o jogo de uma certa maneira. – Já acabastes o vosso

vinho – disse, fazendo menção de pegar na garrafa de vidro e na taça. – Deixai que vos sirva mais um pouco. – *Carradas dele.*

Ele lançou-lhe um olhar que dizia que seria à maneira dela, mas não durante muito mais tempo. Regressou para o almofadão e deitou-se. Ela virou-se a tempo de ver a taça nos lábios dele.

Tentou impor controlo ao sangue desassossegado das suas veias. – Agora falamos – disse ela com firmeza. – Acabai o vosso vinho e dizei-me como viestes aqui parar.

– Sou eu que falo? Sois vós a treinada na arte da conversação.

– Sou treinada para ouvir. Os homens gostam de falar deles próprios, e nós ouvimos.

– Eu não tenho prazer em falar de mim. Falai vós.

– Eu? Sobre o quê?

– Podeis falar sobre mim. Podeis dizer-me como sou belo e admirar o meu rosto e o meu corpo. As mulheres fazem sempre isso.

– Fazem-no, deveras? – Que conveniente ele vir recordar-lhe a sua presunção precisamente quando precisava de ajuda para não gostar dele. Se este garanhão enfatuado esperava vê-la a suspirar pela beleza dele, ele que pensasse outra vez... Ela suspirou, de facto, mas pela inutilidade do rancor que sentia. O vinho devia fazer efeito muito em breve. Deus sabia que ele tinha bebido que chegasse.

Com um esgar, virou-se para ele. Os olhos dele aparentavam estar fechados.

Ele pegou na mão dela e pousou-a no peito dele, o que fez com que ela se aproximasse um pouco, e ela reparou que as pálpebras dele estavam um tudo-nada abertas e que ele a observava. Não, ela talvez não se importasse minimamente de o matar depois desta humilhação.

Ela pôs um sorriso no rosto e começou a traçar com os dedos as linhas dos ombros e dos músculos do peito dele. Dava voltas à cabeça à procura de frases apropriadas. – Sem dúvida que sois um homem muito bem-parecido. Olhos muito belos e um sorriso encantador. E o vosso corpo é forte e atlético. – Santo Deus, as cortesãs e meretrizes mereciam decididamente cada centavo. *Adormece,*

*seu idiota presunçoso.* – Não é entroncado e peludo como alguns guerreiros.

– Do que gostais mais? – A voz dele parecia sonolenta e arrastada.

– Há... bem, estas concavidades ao longo da vossa clavícula são muito atrativas.

A mão dele ergueu-se, lânguida, e envolveu-se no cabelo dela. Puxou-a delicadamente, encaminhado-lhe a cabeça para baixo.

– Então beijai-as, senhora. E depois, tudo o resto. Não está o maior talento de uma cortesã na sua boca?

Ela apercebeu-se de que o seu rosto estava a centímetros do dele e daqueles olhos ardentes que a olhavam por entre as pálpebras semicerradas. Os seios dela pairavam mesmo acima dele, roçando-o ao de leve, e sentia um formigueiro no seu corpo ridículo, traiçoeiro. Contrariada, dobrou o pescoço e encostou os lábios à concavidade acima da clavícula dele.

Pele. Calor. Aquele cheiro masculino inebriante. Uma mão doce, mas dominadora na sua cabeça encaminhava-a mais para baixo, para o peito.

*Adormece, maldito sejam.* Ela beijou-lhe o peito e tentou não prestar atenção à espantosa e assustadora intimidade que tal ação evocava. Ele era o inimigo, um estranho, e ela odiava-o, mas algo dentro dela ignorava isto.

Ele conduziu-a mais para baixo, para o tronco, e barriga...

De repente, a mão que tinha na cabeça ficou mole. Ela susteve a respiração e aguardou pela imobilidade absoluta que indicava que ele dormia.

Cuidadosa, esgueirou-se para longe do corpo dele. O braço dele caiu, lasso, ao lado do corpo.

Puxou para si o cesto e despejou o resto das empadas. Afastou o pano mal cosido que compunha um fundo falso e cravou os olhos no punhal de aço escondido por baixo dele.

Por Alice e as outras mulheres. Sim, até por Margery. Por Reginald, e até mesmo por Thomas.



Pegou no punhal. Olhou com pena para o belo homem ali deitado como uma vítima sacrificial sob o efeito de drogas. Pareceu-lhe indefeso, assim de repente, a dormir como uma criança e, subitamente, ela imaginou-o como tal, fresco e inocente. Sentiu um aperto no coração, que se revoltava contra o rumo que ela havia traçado para si própria.

Ergueu o punhal, agarrando-o com ambas as mãos, a ponta letal apontada ao coração dele. Os braços dela tremiam, o corpo dela tremia, a própria lâmina oscilava no ar.

Ela tentou novamente encontrar coragem no medo que sentia pelos amigos. Quando isto não resultou, virou-se para o medo que sentia por si própria. Os olhares de suspeita e as acusações. A carta do bispo. Os livros e plantas e poções.

Deixara de ver o punhal, mas este surgiu, de repente, à sua frente, muito real, muito afiado. Ela olhou para os nós dos dedos cerrados à volta do cabo, depois para a ponta, e depois para o peito sólido. Por fim, olhou de relance para o belo rosto.

*Ele devolveu-lhe o olhar.* Olhos negros reluziam perigosos por baixo de copiosas pestanas.

Sentiu-se tomada de pânico. Sabendo que agora seria matar ou ser morta, ergueu-se nos joelhos e fez o punhal seguir o seu curso.

Uns braços fortes ergueram-se de rompante e uns dedos de ferro agarraram-lhe os pulsos. Ele atirou-a para o lado e ela caiu. Na luta que se seguiu, a lâmina tocou-lhe e um fio vermelho escorreu pelo braço dele.

Ela deu por si deitada de costas e imobilizada. O rosto que via à sua frente estava endurecido pela fúria. – Achastes mesmo que eu seria um Holofernes para a vossa Judite? – rosnou ele. – Era esse o plano, não era? Como nos evangelhos bíblicos. Matais o general e o exército sem líder dispersa em confusão.

– Apócrifos – corrigiu ela absurdamente, com uma voz que parecia vir de muito longe. – Não é da Bíblia convencional. É dos evangelhos apócrifos.

– Que me importa se Deus deu a história a Moisés em pessoa,

sua cabra. – Ele agarrou-lhe no cabelo e pôs-se em pé, obrigando-a a colocar-se de joelhos. Arrastou-a até ao mastro central e atou-a com os braços esticados acima da cabeça.

Foi até às peles. Ela tinha a certeza de que ele ia buscar o punhal para lhe cortar o pescoço. O seu coração batia-lhe no peito com uma pulsação de chumbo.

Ele regressou com a garrafa de vidro e encostou-a aos lábios dela.

– Bebei – ordenou.